

Público

01-09-2013

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 51453**Temática:** Política**Dimensão:** 160**Imagem:** N/Cor**Página (s):** 52

Os mercados somos todos nós

Este título não é da minha autoria nem foi escrito por “mão invisível”. O seu autor é o secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro. Proferiu esta frase em 27/8/2013, em Castelo de Vide, na “universidade de Verão” do PSD.

É uma frase muito “rica”. Não por causa de “os mercados”, pobrezinhos, coitados. Mas por causa do “nós”. Por isso merece reflexão séria e circunspecta.

A quem se referiria o secretário de Estado com esse “nós”? Só a si próprio? Uma hipótese com alguma plausibilidade, convenha-se, visto que seria coerente com as “tonalidades” mercantis do seu próprio nome, Moedas, Carlos

Moedas. Mas, por outro lado, se assim fosse, então, talvez dissesse: “Os mercados sou eu.” Assim quase como Luís XIV disse que “o Estado sou eu” (*“l'État c'est moi”*), analogia que também parece aqui pertinente, já que o secretário de Estado pertence a um governo que, pelo que tem (des)feito, está visto que quer “ajustar” (entregar) o Estado aos mercados, sendo que, por este andar “político”, o próprio SE, qualquer dia passa a SM (“secretário dos Mercados”).

Uma outra hipótese, dadas as circunstâncias, é a de que o SE referia esse “nós” ao PSD: “Os mercados são o PSD.” Também tem alguma lógica, convenha-se. Este lema até era capaz de render (“mercar”) bem na próxima campanha autárquica.

Hipótese também a considerar é a de que, dada a sua condição

de membro do Governo, o SE se referia, isso mesmo, ao próprio Governo: “Os mercados são o Governo.” Muito apropriada esta hipótese (e até o seu inverso), sim senhor, pelo que “vemos, ouvimos e lemos” (e sentimos).

Mas o que eu (des)confio mais é na hipótese de que o SE se referia a nós, tal e qual, a nós todos, portugueses (incluindo ele próprio, o PSD, o Governo “e tudo”). E (des)confio mais desta hipótese por uma razão muito prosaica, mas também muito “sustentável” e “convergente”. Explico.

Quando, no carro, ouvi esta frase do SE, tinha acabado de, com a mulher, “aliviar a carteira” (mercearias) num grande hipermercado. Não digo o nome, porque, apesar de julgar poder ter para isso o aval (e

até apoio) do CA do PÚBLICO, Comunicação Social, SA, a sr^a directora (e sobretudo o conselho de redacção) deste jornal poderia passar a “censurar” as minhas “cartas”, por publicidade encapotada.

Pois não é que nessa “grande superfície” tinha acabado de ler, em letras garrafais: “O” ... (nome da cadeia de hipermercados) “somos todos nós”?

Ora, se um hipermercado (e até um supermercado, mesmo um minimercado) “somos todos nós”, é por isso que – “quem pode o mais pode o menos” – o sr. Moedas, apesar da sua minoria, por maioria de razão, tem toda a razão: os mercados somos todos nós.

João Fraga de Oliveira,
Santa Cruz da Trapa